

Linguagem e tabu

Esté é um simpósio sobre a linguagem, mas meu tema é a não-linguagem. Ao invés de discutir coisas que são ditas e feitas, quero falar sobre coisas que não são ditas nem feitas. Meu tema é aquele do tabu, cuja expressão é sempre inibida.

A literatura psicológica e antropológica está repleta de descrições e explicações acadêmicas sobre proibições a inibições aparentemente irracionais. Tal "tabu" pode ser comportamental ou linguístico, e vale a pena observar que as sanções protetoras são, em qualquer caso, muitas vezes as mesmas. Se, neste momento, eu estivesse realmente louco para ser preso pela polícia, eu poderia me despir ou soltar uma corrente de obscenidades violentas: qualquer procedimento seria igualmente eficaz. Pois os tabus linguísticos e de comportamento são não apenas sancionados do mesmo modo, como também estão muito embaralhados como, por exemplo, o comportamento sexual e as palavras relativas ao sexo. Mas esta relação entre ação e palavras não é tão simples como pode parecer. Seu relacionamento não é necessariamente causal. Não é que certas espécies de comportamento sejam tabu e, em consequência, a linguagem a elas relacionadas torne-se tabu. Algumas vezes, em virtude de razões linguísticas (fonêmicas) certas palavras podem ser tabu por si mesmas e, se existe algum elo causal, ele é, então, invertido. Neste caso, um tabu de comportamento vem a refletir um tabu verbal anterior. Neste artigo, toco apenas de leve neste assunto complexo.

O trocadilho é um tipo familiar de tabu puramente linguístico. O trocadilho ocorre quando fazemos uma troça, confundindo dois significados aparentemente diferentes de um mesmo padrão fonêmico. O trocadilho parece engraçado ou chocante porque desafia o tabu que normalmente nos proíbe reconhecer que o padrão de som é ambíguo. Em muitos casos, tais tabus verbais têm tanto aspectos sociais quanto linguísticos. Em inglês — então, creio, em americano — a palavra *queen* (rainha) tem por homônimo *queen* (prostituta). As palavras são foneticamente indistinguíveis [kwɪn]. Uma rainha é a consorte do rei (*king*) ou mesmo uma soberana por direito próprio; e *queen*, que anteriormente significava prostituta, agora denota usualmente um homossexual masculino. No mundo não-humano, temos abelhas-rainhas (*queen bees*) e a prole de gatas-rainhas (*brood queen cats*), ambas indicando uma fertilidade esplêndida, embora uma *queen* (prostituta) seja uma vaca estéril. Embora estas duas palavras pretendam ser diferentes, e até mesmo opostas, elas realmente denotam a mesma idéia. Uma rainha é uma fêmea de *status* anormal no seu sentido virtuoso, positivo; uma prostituta é uma pessoa de caráter depravado ou de sexo incerto, uma fêmea de *status* anormal no seu sentido negativo, pecaminoso. E, no entanto, é esta anomalia comum que as transforma, ambas, em seres "sobrenaturais".

5. ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS DA LINGUAGEM: CATEGORIAS ANIMAIS E INSULTO VERBAL *

O tema central do meu ensaio é o tópico antropológico clássico do tabu. Esse tema, nesta perspectiva, não é parte do campo convencional de discurso dos psicólogos experimentais, ainda que a discussão que pretendo apresentar tenha seus equivalentes psicológicos. Quando os psicólogos debatem sobre o mecanismo do "esquecimento", freqüentemente introduzem o conceito de "interferência" — a idéia de que há uma tendência a reprimir conceitos que tenham alguma espécie de superposição semântica (POSTMAN: 1961). A tese que apresento depende de hipótese contrária, a saber: a de que nós somente podemos chegar a conceitos verbais semanticamente distintos, se reprimirmos as percepções fronteiriças que jazem entre eles.

Discutir aspectos antropológicos da linguagem com os limites de espaço a mim destinados aqui, é como escrever uma história da Inglaterra em trinta linhas. Proponho manipular um tema específico e não um tema geral. Para os antropológicos, a linguagem é uma parte da cultura, não uma coisa em si própria. A maior parte dos problemas dos antropológicos está ligada à comunicação humana. A língua é um meio de comunicação, mas atos costumeiros de comportamento são, também, um meio de comunicação e o antropológico sente que pode e deve ter em vista ambos os modos de comunicação ao mesmo tempo.

* Reproduzido de LEACH, E. R. *Anthropological aspects of language: animal categories and verbal insults*. In: LENNEBERG, Erich H., org. *New directions in the study of language*. Cambridge, Mass., The M. I. T. Press, 1964, p. 23-63. Trad. por Letícia Maria Antoniolli e Roberto Da Matta.

Assim também em metafísica, os opostos Deus e o Diabo são ambos seres sobrenaturais. Neste caso, então, o tabu que nos possibilita separar dois conceitos ambíguos — de maneira que podemos falar de rainhas (*queens*) sem pensar em putas (*queans*) e vice-versa — é, simultaneamente, linguístico e social.

Devemos notar que o tabu opera de forma a distinguir dois padrões fonêmicos idênticos, e não para suprimir completamente o padrão. Não estamos proibidos de dizer [kwɪn]¹. Contudo o padrão fonêmico muito similar produzido pela mudança da dental [n] pela bilabial [m] por tornar breve a emissão da vogal média [kwɪm], é uma das mais impubescíveis obscenidades da língua inglesa. Alguns informantes americanos me têm assegurado que essa palavra foi tão completamente suprimida, que ela não atravessou o Atlântico, mas isso não parece ser inteiramente correto, visto que há provas de dicionário em contrário². É difícil falar sobre o "indizível", mas espero ter demonstrado meu ponto inicial. O tabu é simultaneamente comportamental e linguístico; social e psicológico. Como antropólogo, estou particularmente interessado nos aspectos sociais do tabu. Psicanalistas de várias escolas estão particularmente preocupados com tabus individuais centrados nas funções oral, anal e genital. Psicólogos experimentais podem se preocupar com fenômenos essencialmente tipos de inibição muscular. Mas todas essas variedades de repressão estão tão enredadas na trama da linguagem, que qualquer discussão sobre uma das três molduras — a antropológica, a psicológica ou a linguística — deve inevitavelmente tomar para alguma consideração as outras duas.

Categorias animais e obscenidades verbais

No restante deste artigo terei relativamente pouco a dizer sobre a linguagem diretamente, mas isso se deve à natureza do meu problema.

¹ Aqui, a palavra segue escrita foneticamente. Quando ela é escrita foneticamente é que os dois conceitos cobertos pelo mesmo padrão de sons devem se distinguir. (Nota do Org.)

² O *Oxford English Dictionary* nada diz sobre a obscenidade, mas registra *quim* como uma "antiga variação escocesa" do termo agora totalmente obsoleto *queme* = "pleasani" (amável). PARKRIDGE (1949) imprime a palavra completamente (enquanto falha nas palavras *f*ck* e *c*nt*). Ele interpreta *quim* como "parte pudenda feminina" e dá *queme* como uma variante. As últimas edições dos dicionários de Funk e Wagnalls, e de Webster ignoram o fato, mas H. WENTWORTH e S. B. FLEXNER (1961) dão:

quim n. 1 = *queen* (rainha); 2 (tabu) = a vagina. Que este padrão fonêmico é, de fato, relacionado ao mais permissível *queen*, fica, pois, estabelecido.

Os dicionários americanos indicam que a extensão dos significados de *queen* (*queen*) é a mesma da Inglaterra, mas a distinção ortográfica não é firmemente mantida.

pois estarei discutindo a conexão entre categorias animais e obscenidades verbais. Obviamente é muito mais fácil falar sobre animais do que sobre obscenidades! Isso estará fora de cogitação, mas o ouvinte (e o leitor) deve manter-se alerta quanto a isso. Do mesmo modo que *queen* está perigosamente próximo do não-pronunciável, assim também existem certos animais muito familiares que são, por assim dizer, salvos do sacrilégio ou coisa pior apenas por um fonema. Nos julgamentos de bruxaria ingleses do século XVII, era muito comum declarar que o Diabo aparecia na forma de um Cachorro (*Dog*) — isto é, Deus (*God*) soletrado ao contrário. Na Inglaterra, ainda empregamos esta mesma metátese quando nos referimos ao colarinho do clérigo como um "colarinho de cachorro" ao invés de God collar (colarinho de Deus). Da mesma forma, é preciso apenas uma pequena troca de vogais em *fox* (raposa) para produzir o obsceno *fox* (fôda). Num certo sentido, não há dúvida de que fatos como estes podem ser atribuídos a acidentes linguísticos, mas eles são "acidentes" que têm uma utilidade funcional no modo em que usamos nossa língua. Como devo agora demonstrar, existem boas razões sociológicas no porquê de as categorias inglesas *dog* e *fox*, como a categoria inglesa *queen* (*queen*), evocarem associações que são tabu na sua vizinhança fonêmica.

Como antropólogo, não proclamo entender os aspectos psicológicos do fenômeno do tabu. Eu não entendo o que ocorre quando uma palavra ou frase ou um detalhe do comportamento é sujeito a opressão. Mas posso observar o que ocorre. Em particular, posso observar que, quando tabus verbais são rompidos, o resultado é um fenômeno social específico que afeta tanto o ator quanto seus ouvintes de um modo bastante previsível. Eu não preciso elaborar isto, aqui, já que este é o fenômeno que denominamos obscenidade. De modo amplo, o idioma da obscenidade cai em três categorias: 1) "palavrões" — que comumente se referem ao sexo e à excreção; 2) blasfêmia e profanação; 3) insulto animal — em que um ser humano é equiparado a um animal de outra espécie³.

Na prática, estas categorias não são nitidamente distintas. Assim, a palavra *bloody* (sanguinário, sangrento, ensanguentado; em glória: mal-dito, infame), que é atualmente uma espécie de adjetivo suavemente obsceno para toda obra, é associada por alguns com o sangue menstrual e é assim um "palavrão" (uma "dirty word"), mas parece ser historicamente derivada de um sacrilégio — "By our Lady" ("por Nossa Senhora").

³ Uso aspas em "palavrão" porque desejo chamar a atenção do leitor para a parcial correspondência semântica entre o inglês *dirty words* (palavras sujas, na tradução literal) e o nosso *palavrão*. Um palavrão, como o nome indica, é uma "palavra grande", capaz de provocar imediata reação no ouvinte. A *dirty word* inglesa é como que uma palavrinha, de modo que o nosso palavrão tem algo de *dirty word*, de blasfêmia e opróbrio. (Nota do Org.)

Por outro lado, o simples expletivo *damni!* — que atualmente se presume ser uma abreviação de “danção!”, “maldição!” — e portanto um sacrilégio — era antigamente *god-dam* (*God's animal mother* = a mãe animal. Estas amplas categorias de obscenidades parecem ocorrer na maioria das línguas.

Os palavrões não apresentam problemas. Os psicólogos têm explicações adequadas e convincentes de por que o foco central da mais crua obscenidade deve normalmente repousar no sexo e na excreção. O idioma da profanação e da blasfêmia também não apresenta problemas. Qualquer teoria sobre a sacralidade dos seres sobrenaturais provavelmente implica um conceito de sacrilégio que, por sua vez, explica as emoções provocadas pela profanação e pela blasfêmia. Mas o insulto animal parece muito mais difícil de ser considerado. Por que expressões como *you son of a bitch* (seu filho de uma cadela) ou *you swine* (seu porco) têm as conotações que possuem, enquanto “*you son of a kangaroo* (seu filho de um canguru!) ou *you polar bear* (seu urso polar!) não têm nenhum sentido?

Eu escrevo como um antropólogo e, para um antropólogo, este tema do insulto animal tem um interesse muito básico. Quando um nome animal é usado deste modo, como uma imprecisão, isto indica que o próprio nome está investido de potência. Isto claramente significa que a categoria animal é de algum modo tabu e sagrada. Assim, para um antropólogo, o insulto animal é parte do amplo campo de estudo que inclui o sacrifício de animais e o totemismo.

Relação da comestibilidade e avaliação social de animais

Em seus estudos etnográficos, o antropólogo observa que, numa situação cultural particular, alguns animais são o foco de atitudes rituais, ao passo que outros não. Além disso, a intensidade do envolvimento ritual de certas espécies individuais varia amplamente. Não é totalmente claro por que deva ser assim, mas um fato que é comumente relevante e sempre precisa ser levado em consideração é a comestibilidade da espécie em questão.

Uma hipótese que também sublinha o restante deste ensaio é que o insulto animal está de algum modo ligado com o que Radcliffe-Brown chamou de valor ritual da categoria animal em consideração. Eu assumo, além disso, que este valor ritual está ligado de modo ainda indeterminado com os tabus e as regras relativas a matança e consumo destes e de outros animais. Para propósito de exemplo, confinarei minha atenção às categorias da língua inglesa, embora, não obstante, eu postule que os princípios que menciono sejam muito gerais, ainda que não necessariamente

mente universais. Para uma ilustração disto, discuto, como um apêndice do meu argumento básico, a aplicação de minha tese às categorias da língua Kachin, idioma falado por certos grupos da região montanhosa do norte da Birmânia.

Tabu não é uma palavra autenticamente inglesa, mas uma categoria importada da Polinésia. Seu significado não é precisamente definido no inglês convencional. Os antropólogos comumente usam a palavra para se referir a proibições que são explícitas e sustentadas por sentimentos de pecado e sanções sobrenaturais a um nível consciente. As regulamentações do incesto são disto um exemplo típico. Um outro são as regras registradas no Levítico 11, versículos 4-47, que proíbem os israelitas de comerem uma ampla variedade de “animais impuros”. Neste artigo, contudo, usarei o conceito de tabu alimentar num sentido mais geral, de modo que ele abranja todas as classes de proibições alimentares: explícitas e implícitas, conscientes e inconscientes.

Determinações culturais e linguísticas de valores alimentares

O ambiente físico de qualquer sociedade humana contém um amplo espectro de materiais que são tanto comestíveis quanto nutritivos, mas somente uma pequena parte desse meio comestível será de fato classificada como alimento potencial. Tal classificação é um problema da linguagem e da cultura, não da natureza. É uma classificação que tem grande importância prática e assim é percebida. A “nossa” classificação não é apenas correta, ela é também moralmente justa e marca a nossa superioridade. O fato de que pernas de rã sejam petiscos para os gastrônomos da França, mas não sejam de modo algum comida na Inglaterra, faz com que o inglês se refira aos franceses como *Frogs* (Rãs) com insinuações de envergão desprezo.

Como uma consequência de tal discriminação cultural, a parte comestível do ambiente é geralmente classificada em três principais categorias:

- 1) Substâncias comestíveis que são reconhecidas como alimento e consumidas como parte da dieta normal.
- 2) Substâncias comestíveis que são reconhecidas como alimentos possíveis, mas que são proibidas ou então que se permite comer somente em condições especiais (rituais). Estas são substâncias que são *conscientemente interdidas*.
- 3) Substâncias comestíveis que, por cultura e linguagem, não são reconhecidas de modo algum como alimento. Estas substâncias são *inconscientemente interdidas*.

Normalmente, quando os antropólogos estão discutindo tabus alimentares, estão pensando apenas na minha segunda categoria; e eles têm em mente tais exemplos como as proibições judaicas contra a carne de porco, as proibições brâmanes contra a carne de vaca e a atitude cristã em relação ao pão e vinho sacramentados. Mas minha terceira categoria de substâncias comestíveis que não são classificadas como alimentos merece igual atenção. A natureza do tabu em ambos os casos é absolutamente distinta. A proibição judaica em relação à carne de porco é um assunto ritual e explícito. Ela diz, com efeito, que "a carne de porco é um alimento, mas os judeus não devem comê-la". A objeção do inglês em comer carne de cachorro é igualmente forte, mas repousa numa premissa diferente. Ela depende de uma suposição categórica: "cachorro não é alimento".

Na realidade, os cachorros são perfeitamente comíveis e em algumas partes do mundo são criados para se comer. Neste sentido, os seres humanos são também comestíveis, embora para um inglês essa idéia seja repugnante. Penso também que a maioria dos ingleses acharia a idéia de comer carne de cachorro igualmente repugnante. Acredito que este asco é, em larga medida, um problema de categorias verbais. Há contextos no inglês coloquial nos quais homem e cão podem ser pensados como seres do mesmo tipo. Homem e cão são "companheiros"; o cão é "amigo do homem". Por outro lado, homem e alimento são categorias antitéticas. O homem não é alimento; logo, o cachorro também não pode ser alimento.

É claro que nossas categorias linguísticas nem sempre são tão ordenadas e lógicas, mas os casos marginais — que aparecem a princípio como exceções de alguma regra geral — são com frequência especialmente interessantes. Por exemplo, os franceses comem cavalo. Na Inglaterra, ainda que a carne de cavalo seja dada a cachorros, ela é oficialmente classificada como imprópria para o consumo humano. Assim, a carne de cavalo não pode ser vendida na mesma loja onde se vende carne de acongue comum, e em Londres, onde, apesar do preconceito inglês, existem estrangeiros de baixa extração que comem esta coisa, eles têm que comprá-la numa loja chamada *charcuterie* e não *acongue*. Isso, sugiro, é bastante consistente com a atitude muito especial adotada pelos ingleses em relação a cães e cavalos. Ambos são criaturas sagradas e sobrenaturais, cercadas de sentimentos que são ambigualmente aqueles de respeito e horror. Este tipo de atitude é comparável a uma outra muito menos conhecida que se expressa na regra legal inverossímil que estabelece que cisne e estrução só podem ser comidos pelos membros da Família Real, exceto uma vez ao ano, quando os membros do St. John College da Universidade de Cambridge podem comer cisne! Como o editor do *The New Yorker* tem deleite em nos contar, "sempre haverá uma Inglaterra".

Evidentemente, todas essas regras, preconceitos e convenções são de origem social e, no entanto, os tabus sociais têm suas contrapartidas linguísticas e, como procurarei mostrar agora, estes acidentes de histórias etimológicas encaixam-se de um modo surpreendente. É claro que, nos seus aspectos linguísticos, os cavalos aparecem de modo inocente tanto quanto o cão e a raposa. Contudo, na maior parte do inglês coloquial, o cavalo (*horse*) é 'orse ou 'oss e nesta forma divide com seu companheiro o asno (*ass*) uma incomfortável aproximação com o traseiro humano ⁴.

O problema então é o seguinte: o inglês trata certos animais como tabu — sagrados. Essa sacralidade é manifestada de várias maneiras. Em parte pelo comportamento, quando somos proibidos de comer a carne do animal em questão; em parte pela linguagem, quando um padrão fonético penumbroso àquele da categoria animal é visto como sendo um foco de obscenidade, profanação, etc. Será que podemos entender por que certas criaturas devam ser tratadas desta maneira?

Tabu e as distinções das categorias nomeadas

Antes que prossiga, deixe-me dar um esboço de uma teoria geral do tabu que eu acho particularmente satisfatória para o meu trabalho como antropólogo. É uma teoria que me parece estar muito bem harmonizada com os fatos psicológicos e linguísticos. Na forma em que eu a apresento aqui ela é uma "teoria do Leach", mas ela tem várias derivações óbvias, especialmente a discussão de Radcliffe-Brown sobre o valor ritual, o trabalho de Mary Douglas (ainda não publicado) ⁵ sobre animais anômalos e a versão de Lévi-Strauss da dialética hegeliana-marxista na qual os elementos sagrados do mito são revelados como sendo fatores para mediar contradições.

Postulo que o ambiente físico e social de uma criancinha é percebido como um contínuo. Ele não contém "coisas" intrinsecamente separadas. A criança, no decorrer da vida, é ensinada a impor sobre esse ambiente uma espécie de grade discriminatória que serve para distinguir

⁴ Os tabus ingleses e americanos são diferentes. O inglês soletra o animal como *ass* e as nádegas como *arse*, mas, de acordo com PARKIDGE (1949), *arse* era considerada quase impubescível entre 1700 e 1930 (embora apareça no *Oxford English Dictionary*). A terceira edição do Webster registra ambas as palavras na forma *ass*, observando que *arse* é uma variação mais polida do que o último termo, que também tem o sentido obscuro de intercuro sexual. FUNK e WAGNALLS (1952) distinguem *ass* (o animal) e *arse* (nádegas) e não entrecruzam nenhuma referência. WENTWORTH e FLENNER (1961) dão somente *ass*, mas indicam três significados tabus: o reto, as nádegas e a vagina.

⁵ Este ensaio foi publicado em 1964, quando o livro de Mary Douglas, *Pureza e perigo* (de 1966), ainda não havia sido apresentado a público. (Nota do Org.)

o mundo como sendo composto de grande número de coisas separadas, cada uma etiquetada com um nome. Este mundo é uma representação das nossas categorias de linguagem, não o contrário. É porque minha língua materna é o inglês que me parece evidente que *bushes* (moitas) e *trees* (árvores) sejam diferentes espécies de coisas. Se não me tivessem ensinado isto, jamais poderia pensar deste modo.

Agora, se cada indivíduo tem que aprender a construir seu próprio ambiente deste modo, é de importância crucial que as discriminações básicas sejam nítidas e não-ambíguas. Não deve haver absolutamente nenhuma dúvida sobre a diferença entre o *eu* e *isso*, ou entre *nós* e *eles*. Mas, como esta certeza discriminatória pode ser obtida se nossa percepção normal apresenta somente um contínuo? Um diagrama pode ajudar. Nossa percepção desinibida (destreinada) reconhece um contínuo (fig. 1).

Fig. 1. A linha é uma representação esquemática da continuidade na natureza. Não existem brechas no mundo físico.

Ensina-mos que o mundo consiste de "coisas" caracterizadas por nomes. Por causa disso, temos de treinar nossa percepção para reconhecer um ambiente descontínuo, como na fig. 2.

Fig. 2. Representação esquemática daquilo que é nomeado na natureza. Muitos aspectos do mundo físico permanecem não-nomeados nas línguas naturais.

Conseguimos alcançar este segundo tipo de percepção treinada por meio do uso simultâneo da linguagem e do tabu. A linguagem nos fornece os nomes para distinguir as coisas; o tabu inibe e reconhece aquelas partes do contínuo que separaram as coisas (fig. 3).

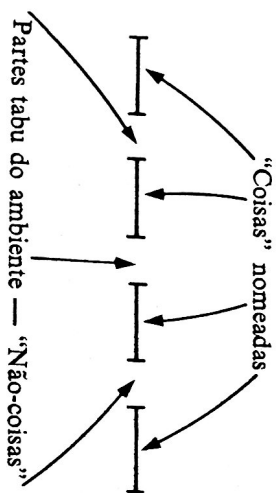
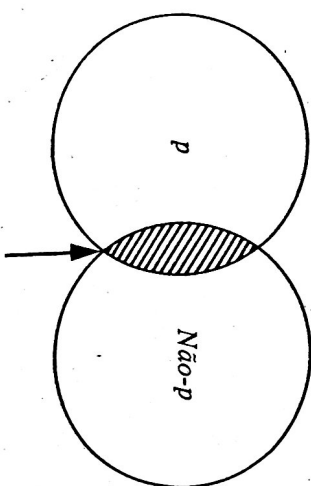


Fig. 3. O relacionamento dos objetos tabu com o mundo dos nomes.

O mesmo tipo de argumento pode também ser representado por um diagrama de Venn simplificado, empregando somente dois círculos. Seja um círculo *p* representando uma certa categoria verbal. Seja este círculo entrecortado por outro círculo *não-p* representando o "ambiente" de *p*, do qual se quer distinguir *p*. Se por uma ficção impusermos um tabu sobre qualquer consideração da área sobreposta, que é comum a ambos os círculos, então deveremos estar prontos a nos persuadirmos de que *p* e *não-p* são completamente distintos e a lógica da discriminação binária será satisfeita (fig. 4).



A sobreposição é simultaneamente *p* e *não-p*

Fig. 4. O relacionamento entre ambigüidade e tabu.

A linguagem, então, faz mais do que nos prover com uma classificação das coisas. Ela realmente molda nosso ambiente e coloca cada indivíduo no centro de um espaço social ordenado de maneira lógica e segura.

Neste artigo, estou especialmente interessado em conjuntos de categorias verbais que discriminam áreas do espaço social em termos de "distância de um dado Ego (um 'eu')". Por exemplo, considerem-se os três conjuntos (*a*), (*b*), (*c*).

- (a) Ego (eu).....Irmã.....Prima.....Vizinha.....Estrangeira
- (b) Ego (eu).....Casa.....Fazenda.....Campo.....Longe.....(Remoto)
- (c) Ego (eu).....Animal de estimação.....Animal doméstico.....
....."Caça".....Animal selvagem

Para cada um destes três conjuntos, as palavras assim arranjadas indicam categorias que são progressivamente mais remotas de um dado "eu", mas acredito que se pode dizer mais que isso. Espero poder mostrar que, se nós denotamos estes conjuntos de palavras como:

- (a) A1 B1 C1 D1 E1
(b) A2 B2 C2 D2 E2
(c) A3 B3 C3 D3 E3

então a declaração relacional A1:B1:C1:D1:E1 é o mesmo que a declaração relacional A2:B2:C2:D2:E2 ou a declaração relacional A3:B3:C3:D3:E3. Em outras palavras, o modo que empregamos as palavras no conjunto (c), um conjunto de animais, permite-nos fazer declarações sobre as relações humanas que pertencem ao conjunto (a).

Mas estou indo muito rapidamente. Retomemos minha teoria do tabu. Se operamos da maneira que sugeri — de modo que possamos somente perceber o ambiente como composto de coisas separadas pela supressão de nosso reconhecimento das "não-coisas" que encham os intervalos —, então é claro que aquilo que é suprimido se torna especialmente interessante. À parte o fato de que toda pesquisa científica se devota a "descobrir" aquelas partes do ambiente que jazem nas fronteiras do que é "conhecido", temos o fenômeno que é descrito tanto por antropólogos quanto por psicólogos, no qual tudo o que é tabu é foco não só de interesse especial, mas também de ansiedade. Tudo o que é tabu é sagrado, valioso, importante, poderoso, perigoso, intocável, imundo, infando.

Posso ilustrar este ponto mencionando áreas diametricamente contrastantes em que esta abordagem do tabu se encaixa bem com os fatos observados. Primeiro, as exsudações do corpo humano são universalmente objeto de intenso tabu — em particular as fezes, urina, sêmen, sangue menstrual, mechas de cabelo, pedaços de unha, sujeira corporal, saliva, leite materno⁶. Isto se encaixa com a teoria. Tais substâncias são ambíguas da maneira mais fundamental. O problema inicial e permanentemente da criança é determinar a fronteira inicial. "O que sou eu, em oposição ao mundo?" "Onde estão meus limites?" Neste sentido fundamental, fezes, urina, sêmen e outras substâncias são ao mesmo tempo

⁶ Uma exceção interessante e aparentemente única a este catálogo são as "lágrimas". As lágrimas podem adquirir sacramento, já que as lágrimas dos santos tornam-se relíquias e as lágrimas são apropriadas em situações sagradas, por exemplo, funerais; mas as lágrimas não são, penso, tidas como sujas ou contaminadoras do mesmo modo que outras exsudações.

eu e não-eu. O tabu resultante é tão forte que, mesmo como adulto, falando para um público adulto, não posso me referir a estas substâncias pelas palavras monossilábicas que usei quando era criança, mas devo mencioná-las somente em latim. Mas sejamos claros: não é simplesmente que tais substâncias são consideradas como sujas — elas são poderosas. Em todo o mundo, são precisamente tais substâncias que se constituem nos ingredientes primários dos "remédios" mágicos.

Num extremo oposto, considere-se o caso da santidade dos seres sobrenaturais. Em todos os lugares, as crenças religiosas estão ligadas com a discriminação entre os vivos e os mortos. Logicamente, a vida é simplesmente a antítese binária da morte: os dois conceitos são as duas faces da mesma moeda e não podemos ter um sem o outro. Mas a religião sempre tentou separar os dois. Para tanto, ela criou um hipotético "outro mundo", que é a antítese "deste mundo". Neste mundo, a vida e a morte são inseparáveis; no outro mundo, elas são separadas. Este mundo é habitado por homens mortais e imperfeitos; o outro mundo é habitado por não-homens imortais (os deuses). A categoria deus é assim construída como a antítese binária de homem. Mas isso é inconveniente. Um deus remoto num outro mundo pode ser logicamente sensível, mas é emocionalmente insatisfatório. Para serem úteis, os deuses devem estar próximos, de modo que a religião procura reconstruir o contínuo entre este mundo e o outro. Mas observe-se como isto é realizado. A brecha entre as duas categorias logicamente distintas — este mundo/outro mundo — é preenchida com ambiguidade que se torna tabu. A brecha é superada por seres sobrenaturais de natureza altamente ambígua como deidades encarnadas, mães virgens, monstros sobrenaturais que são metade homem/metade animal. Estas criaturas marginais, ambíguas, são especificamente creditadas com o poder de mediar entre os deuses e os homens. Elas são objeto dos mais intensos tabus; tabus ainda mais sagrados do que aqueles dos próprios deuses. Num sentido objetivo, em contradição a uma teologia teórica, é a Virgem Maria, a mãe humana de Deus, que é o principal objeto de devoção da Igreja Católica.

Então, aqui também são as categorias ambíguas que atraem o máximo interesse e os intensos sentimentos de tabu. A teoria geral é que o tabu é dirigido às categorias que são anômalas em relação àquelas que estão nitidamente em oposição. Se A e B são duas categorias verbais de tal modo que B é definido como "aquilo que A não é" e vice-versa, e se existe uma terceira categoria C, que faz a mediação desta distinção, com C compartilhando os atributos de A e B, então C será tabu.

Mas, agora, retomemos para consideração as categorias animais e os tabus alimentares ingleses.

Nomes de animais e alimento em inglês

Como é que nós, falantes de inglês, classificamos animais e como é que esta classificação se relaciona a coisas tais como a matança, a comilança e ao insulto verbal?

As discriminações básicas parecem repousar em três palavras:

Peixes

criaturas que vivem na água. Uma categoria muito elástica que inclui até crustáceos — "shell fish" (mariscos).

Aves

criaturas com duas pernas e asas que põem ovos. (Elas não voam necessariamente, por exemplo, pinguins, avestruzes.)

Animais (Beasts)

mamíferos de quatro pernas que vivem na terra.

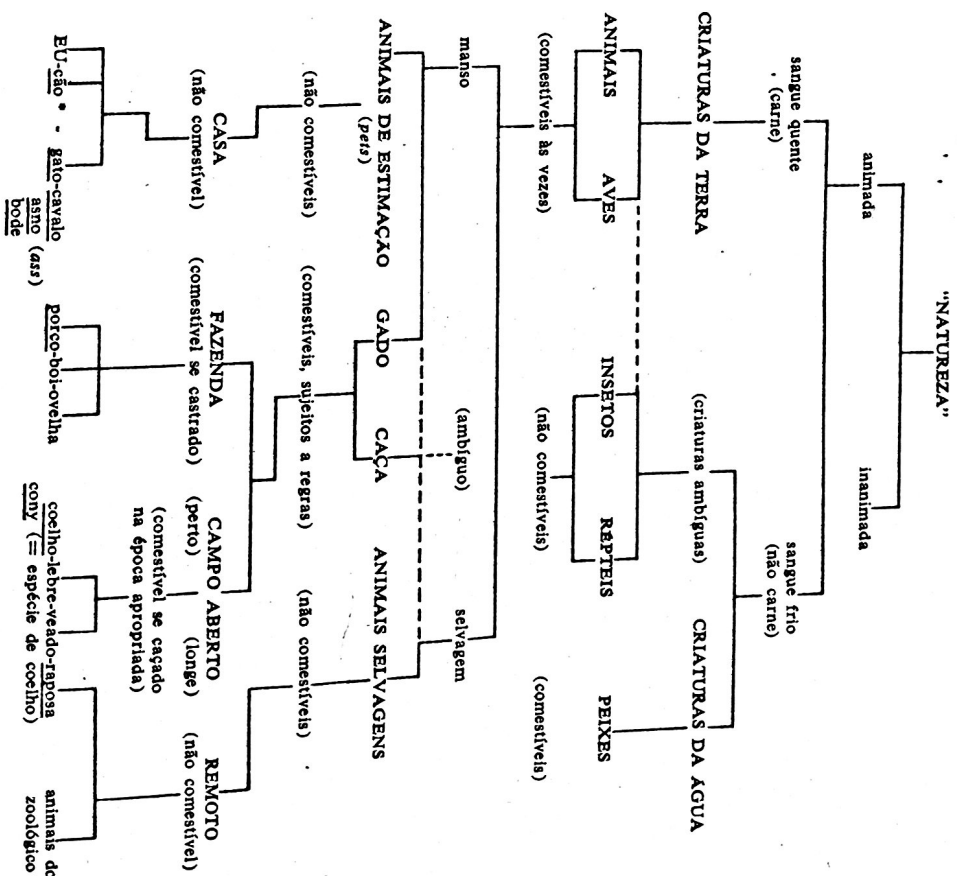
Considerem agora o quadro 1. Todas as criaturas que são comestíveis são peixes, aves ou animais (beasts). Há um amplo resíduo de criaturas classificadas como *répteis* ou *insetos*, mas a totalidade deste resíduo ambíguo é colocada como não-alimento. Todos os répteis e insetos podem ser concebidos como inimigos maliciosos da humanidade e assim merecedores do mais brutal extermínio. Somente a abelha é uma exceção e, de modo significativo, a abelha é frequentemente investida com poderes de inteligência e organização super-humanos. O tabu de hostilidade é aplicado com muito mais força a criaturas que são mais anômalas em relação às categorias principais, por exemplo, as cobras — anti-mais da terra, sem pernas e que põem ovos.

O fato de que aves e mamíferos têm sangue quente e se engajam em relações sexuais "normais", faz com que sejam até certo ponto apartados do homem. Isso é revelado pelo fato de que o conceito de *crueldade* é aplicável a aves e mamíferos, mas não aos peixes. O abate de animais de corte para alimentação deve ser levado a efeito por meio de "métodos humanitários"⁷ e na Inglaterra nós temos até raioteiras humanitárias! Mas é muito apropriado matar uma lagosta jogando-a viva em água fervendo. Quando os tabus religiosos de alimentação se aplicam, eles afetam somente a carne de sangue quente, de aves e mamíferos, mais próxima do homem; daí por que os católicos podem comer peixe na sexta-feira. Na Inglaterra, o único peixe comum sujeito a sanções de matança e consumo é o salmão. O salmão é um peixe anômalo em pelo menos duas dimensões: ele tem o sangue vermelho e é simultaneamente um peixe do mar e de água doce. Mas os mamí-

⁷ A palavra *humane* (humanitário) tornou-se distinta da palavra *human* (humano) somente a partir do século XVII.

Quadro 1 — Discriminação das criaturas viventes na língua inglesa

183



* As espécies sublinhadas são aquelas que parecem estar especialmente carregadas com valores tabu, como é indicado pelo seu uso em obscenidade e insulto ou por suas associações metafísicas ou, ainda, pela intrusão do eufemismo.

feros estão muito mais perto do homem do que as aves que põem ovos. A Sociedade para Prevenção da Crueldade para com os Animais, a Sociedade Antivivissecção, a Nossa Liga dos Amigos dos Burros e organizações que tais, devotam a maior parte de sua atenção às criaturas de quatro pernas e, como o tempo é curto, farei o mesmo.

Estrutura do alimento e terminologia de parentesco

Repetidamente os antropólogos têm observado que existe uma tendência universal para fazer uma associação ritual e verbal entre o comer e a relação sexual. E, assim, uma hipótese plausível que o modo pelo qual os animais são categorizados em relação a sua comestibilidade terá alguma correspondência em relação ao modo pelo qual seres humanos são categorizados com respeito às relações sexuais.

Sobre esse assunto, os antropólogos coletaram um vasto número de dados comparativos. A generalização seguinte não é certamente universal, mas ela tem uma validade bastante ampla e geral. Do ponto de vista de qualquer "eu" masculino, a jovem mulher do seu mundo social será enquadrada em quatro grandes classes:

- 1) Aquelas que estão muito próximas — "irmãs verdadeiras", sempre uma categoria fortemente incestuosa.
- 2) Aquelas que são parentes, mas não estão muito próximas — "primas em primeiro grau" na sociedade inglesa, "irmãs clânicas" em muitos sistemas que têm descendência unilinear e uma organização de linhagem segmentária. Geralmente, o casamento com esta categoria ou é proibido ou fortemente desaprovado, mas relações sexuais pré-maritais podem ser toleradas ou mesmo esperadas.
- 3) Vizinhas (amigas) que não são parentes: afins potenciais. Esta é a categoria da qual se espera que um dado "eu" irá normalmente obter uma esposa. Esta categoria também contém inimigos potenciais, pois a amizade e a inimizade são aspectos alternados de uma mesma relação estrutural.
- 4) Estrangeiras distantes — que sabemos que existem, mas com as quais nenhuma relação social é possível.

Os ingleses também colocam a maioria dos seus animais em quatro categorias comparáveis:

- 1) Aqueles que estão muito perto — *pets* (animais de estimação), sempre fortemente não comestíveis.
- 2) Aqueles que são domesticados, mas não estão muito perto — *farm animals* (animais de fazenda ou animais de corte), na maior parte

comestíveis, mas somente se novos ou castrados. Raramente comemos um animal de corte sexualmente intacto e maduro⁸.

3) Animais do campo, "caça" — uma categoria com a qual alter-namos amizade e hostilidade. Animais de caça vivem sob a proteção humana, mas não são domesticados. São comestíveis na sua forma sexualmente intacta, mas são mortos somente nas estações apropriadas do ano de acordo com um conjunto estabelecido de rituais de caça.

4) Animais selvagens distantes — não se encontram sob controle humano e são não comestíveis.

Assim como foram apresentados, surge um conjunto de equivalências: //

proibição de incesto	não-comestibilidade
proibição de casamento associada com relações sexuais pré-maritais	castração associada a comestibilidade
aliança de casamento	comestível de forma sexualmente intacta: alternância de amizade/hostilidade.
ambigüidade tipo amigo/inimigo	
nenhuma relação sexual com estrangeiros longínquos	animais selvagens distantes são não comestíveis.

Que essa correspondência entre as categorias de acessibilidade sexual e as categorias de comestibilidade é mais do que mera coincidência, é revelado por um outro acidente de ordem linguística. A expressão legal, arcaica, para caça era *beast of venery*. O termo venéreo teve significados alternativos: caçada e prazer sexual. Um acidente similar conduz à semelhança fonêmica entre *venery* e *venerare* (venerável), que lembra aquela entre *queen* e *queen*. Sexo e autoridade são fontes de tabu (de respeito), mas em sentidos contrários.

Uma quinta categoria de animais ingleses que entrecorta as outras e é significativamente carregada de tabu é a de *vermin* (parasitas, animais daninhos). A definição do dicionário para esta palavra é, assim, compreensivelmente ambígua:

"mamíferos e aves prejudiciais a caça, colheita, etc.; raposas, doninhas, ratos, toupeiras, camundongos, corujas, insetos nocivos, besouros, pulgas, piolhos, vermes-parasitas, pessoas vis".

Vermin pode ser também descrito como *pestes* (isto é, pragas). Ainda que *vermin* e *pestes* sejam intrinsecamente não comestíveis, coelhos

⁸ Frequentemente são dadas duas razões para a castração de animais de corte. A primeira, que é válida, é que o animal castrado é mais dócil para se tratar. A segunda, que me asseguram ser cientificamente sem validade, é que o animal castrado produz carne mais suculenta num tempo mais curto.

e pombos — que são pragas quando atacam as colheitas — podem também ser classificados como caça e então tornam-se comestíveis. Essas mesmas espécies também se tornam comestíveis quando são mantidas sob restrições, como animais de corte (*farm animals*). Terei mais a dizer sobre os coelhos.

Mas, antes de prosseguir, deixe que recorde a última parte do meu argumento de forma um pouco diferente. A tese é que fazemos distinções binárias e então realizamos uma mediação da distinção, criando uma categoria intermediária ambígua e carregada de tabu. Assim:

<i>p</i>	ambos <i>p</i> e <i>não-p</i> "homem-animal"	<i>não-p</i>
homem (não-animal)	("animal de estimação")	não-homem (animal)
DOMESTICADO	CAÇA	SELVAGEM
(amigável)	(amigável/ hostil)	(hostil)

Já demos alguma indicação de que o valor ritual (tabu) se associa de modo acentuado às categorias intermediárias *pets* (animais de estimação) e *game* (caça), e direi mais sobre isso. Mas devemos dizer que mesmo atitudes tabu ainda mais intensas são reveladas quando consideramos aquelas criaturas que somente se enquadram nos interstícios do quadro acima, por exemplo: bodes, porcos e cavalos, que não são tratadas como caça em alguns aspectos (veja o quadro 1).

No quadro 2 estão registrados os nomes mais familiares dos animais ingleses mais familiares. Este conjunto de nomes possui certas características lingüísticas comuns.

Assim, virtualmente todos os animais domésticos de estimação da casa, os da fazenda ou do campo (caça) têm nomes monossilábicos: *dog* (cão), *cat* (gato), *bull* (touro), *cow* (vaca), *ox* (boi) e assim por diante; enquanto, entre os animais mais distantes e selvagens, os monossílabos são raros. O vocabulário é mais elaborado na categoria da fazenda e mais atenuado nos animais domésticos de estimação não comestíveis e na categoria de feras selvagens. Assim sendo, os animais da fazenda têm termos separados para 1) o macho inteiro, 2) a fêmea inteira, 3) o lactente, 4) uma fêmea imatura, 5) um macho castrado (por exemplo: *bull*, *cow*, *calf* (bezerro), *heifer* (novilha), *bullock* (novilho), com variações locais). Isto não é surpreendente, tendo em vista os requisitos técnicos da vida rural, mas parece estranho que o vocabulário dos animais de estimação seja tão restrito. Assim, o cão tem apenas: *dog*, *bitch* (cadela), *pup* (filhote) e, destes, o termo cadela é amplamente tabu e raramente usado. O gato tem apenas *cat* e *kitten* (gatinho). Se se deve fazer discriminação sexual entre os animais de estimação, pode-se dizer *bitch* (cadela) e *tom cat* (gato macho). Isto implica que o cachorro é considerado como macho e o gato como fêmea. De fato, o gato e o

cachorro são termos parelhados e servem como um paradigma para o marido e a mulher que brigam constantemente.

Entre os animais do campo, todos os machos são *bucks* (machos) e todas as fêmeas são *does* (fêmeas). Entre os animais selvagens, num número pequeno de espécies, distinguimos os filhotes como *cubs*. Em número menor, distinguimos a fêmea como uma variante do macho: *tiger* — *tigress*; *lion* — *lioness*; mas a maioria não tem sexo. A raposa é um caso muito especial, excepcional em todos os aspectos. Ela é monossilábica, o macho é um *dog* (cão), a fêmea é uma *vixen* e o filhote é um *cub*. Elefantes e outros "animais de zoológico" são distinguidos como *bulls*, *cow* e *calves*, num empréstimo direto do conjunto para animais de fazenda.

Um uso curioso sugere que temos vergonha de matar animais de tamanho substancial. Assim, quando morto, *bullock* (novilho) torna-se *beef* (carne), *pig* (porco) torna-se *pork* (carne de porco), *sheep* (carneiro) torna-se *mutton* (carne de carneiro), *calf* (bezerro) torna-se *veal* (vitela) e *deer* (veado) torna-se *venison* (carne de veado). Mas os animais menores permanecem como são: *lamb* (cordeiro), *hare* (lebre) e *rabbit* (coelho) e todas as aves são as mesmas, vivas ou mortas. As cabras são praticamente animais de estimação e correspondentemente (para os ingleses) a carne de cabra é virtualmente não comestível. Uma dona-de-casa inglesa ficaria ultrajada se ela pensasse que sua carne de carneiro (*mutton*) era de um bode!

Insulto animal e hábitos alimentares

A maioria dos monossílabos que denotam animais familiares podem ser esticados para descrever as qualidades dos seres humanos. Tal uso é frequentemente insultuoso, mas isso nem sempre acontece. *Bitch* (cadela), *cat* (gata), *pig* (porco), *swine* (suíno), *ass* (asno), *goat* (bode), *cur* (cachorro) são insultos; mas *lamb* (cordeiro), *duck* (pato) e *cock* (galo) são amigáveis e até mesmo afetuosas. Animais que estão próximos podem também servir para eufemismos virtualmente obscenos, designando partes inenunciáveis da anatomia humana. Assim, *cock* (galo) = pênis, *pussy* (gatinha) = cabelo púbico feminino e, na América, *ass* (asno) = traseiro.

O princípio segundo o qual os animais próximos e familiares são denotados por monossílabos é tão geral que algumas poucas exceções merecem atenção especial. O uso de termos foneticamente complexos para animais "próximos" parece sempre ser o resultado de uma substituição eufemística de uma palavra tabu. Assim, *donkey* (jumento) substituiu *ass* (asno) e *rabbit* (coelho) substituiu *coney* (coelho). Este último termo sobrevive agora somente no comércio de peles, onde é

Quadro 2 — Subcategorias inglesas de animais familiares

	Fêmea	Macho	Infante	Jovem macho ^a	Jovem fêmea ^a	Macho castrado	Linguagem infantil	Carne da carcaça
Cachorro	Bitch		Puppy				Bow wow	
Cão de caça			Whelp				Doggy	
Gato		(Tom)	Kitten				Pussy	
Bode	(Nanny)	(Billy)	Kid				?	(Mutton)
Porco	Sow	Boar	Piglet	Hogget ^b	Gilt	Hog ^c	Piggy	Porco, bacon, presunto
Asno							Ee-yaw	
Cavalo ^d	Mare	Stallion	Foal	Colt	Filly	Gelding	Gee-gee	
Vaca (boi) ^e	Cow	Bull	Calf		Heifer	Steer	Moo-cow	veal, beef ^f
Ovelha	Ewe	Ram	Lamb	Teg		Bullock	Baa-lamb	Mutton
Galinha	Hen	Cock	Chick	Cockerel	Pullet	Capon	?	Chicken
Pato	Duck	Drake	Duckling				Quack-quack	
Ganso	Goose	Gander	Gosling					
Pombo			Squab					
Coelho	Doe	Buck					Bunny	
Lebre	Doe	Buck	Leveret					
Veado	Doe	Buck						Venison
	Hind	Stag ^g						
Cisne			Cygnets					
Raposa	Vixen	Dog	Cub ^h					

^a Outras distinções de sexo:

A maioria das aves, além do pato e do ganso, pode ser distinguida como *cooks* e *hens*.

A baleia, o elefante, o alce e alguns outros animais de grande porte podem ser distinguidos como touros e vacas (*bulls* and *cows*).

Leões e tigres são presumivelmente machos já que têm como forma feminina *lioness*, *tigress*.

A fêmea de algumas outras espécies é marcada pela afixação do pronome *she* (ela), assim: *she-bear*.

^b *Hogget* — um porco castrado no seu segundo ano. O termo pode também ser aplicado a cavalos novos (*colt*), poldros ou a uma ovelha nova (*teg*).

^c *Hog* pode também se referir a porcos em geral como *swine*.

^d Notar também a palavra *pony*, um cavalo pequeno, apropriado para crianças.

^e *Ox* (*Oxen*) — um termo apropriado para a espécie em geral, mas atualmente arcaico e, quando usado, refere-se a um macho castrado. O termo comum à espécie é agora *cow* (*cows*) ou *cattle*. *Cattle* (gado) é na sua origem o mesmo que capital = *live stock*. O plural arcaico de *cow* é *kine* (cf. a palavra *kin* = parente).

^f *Beef* — no singular = carne morta, mas *beeves*, que é a forma plural, refere-se a animais vivos = *bullocks*.

^g *Hart* — um veado velho (*stag*) e macho com chifres reais.

^h *Cub* (*whelp*) — inclui os filhotes de muitos animais selvagens: do tigre, do urso, da lontra etc.

pronunciado de modo a rimar com *tony* (elegante, moderno), mas sua derivação etimológica é do latim *cuniculus* e no século XVIII um coelho era um *cunny*, uma palavra embarçosamente próxima a *cunt* (vagina); que só se tornou publicável em inglês depois da edição sob licença do livro *Lady Chatterley's Lover* ("O amante de Lady Chatterley"). É curioso que, enquanto o *cunny* adulto mudou para o inócuo *rabbit*, a linguagem infantil reteve a forma *bunny*. Entendo que na Nova York contemporânea, um Bunny Club (do Playboy) tem pelo menos uma semelhança superficial com uma Casa de Cunny da Londres do século XVIII⁹.

Alguns animais parecem carregar um peso injusto de possibilidade de serem utilizados como insulto. É certo que o porco é um carniceiro generalizado, mas assim também é, por sua própria natureza, o cão, e não é nada racional que nós chamemos o primeiro de "nojento" enquanto tornamos o segundo um animal doméstico de estimação. Suspeito que sentimos uma espécie de culpa em relação aos porcos. Afinal, as ovelhas nos dão lã, as vacas o leite; as galinhas, ovos; mas nós criamos porcos para o único propósito de matá-los e comê-los e isto é uma coisa vergonhosa, uma vergonha que rapidamente se associa ao próprio porco. Além disso, nas condições da vida rural inglesa, o porco no seu chiqueiro de fundo de quintal era, até muito recentemente, quase um membro da casa: muito mais do que qualquer outro animal comestível. Os porcos, como os cães, eram alimentados dos restos de comida da cozinha dos seus donos humanos. Matar e comer tais sócios comensais é, sem dúvida, um sacrilégio!

Em notável contraste com os nomes monossilábicos dos animais próximos, descobrimos que, no outro lado da escala, existe uma classe de autênticos animais selvagens, a maioria dos quais a pessoa comum só vê num zoológico. Tais criaturas não são nunca classificadas como alimento. Para distinguir estes estrangeiros que estão fora do nosso sistema social inglês, nós lhes damos nomes semilatinos muito compridos — elefante, hipopótamo, rinoceronte e assim por diante. Isto não é fruto de perversidade acadêmica, pois estas palavras têm sido parte do vernáculo por mais ou menos mil anos.

A categoria intermediária de animais do campo sexualmente inteiros, selvagem-domesticados, que podemos caçar para comer, mas somente seguindo um conjunto de regras e em estações do ano especiais, está

⁹ Em geral, as aves estão fora do escopo deste artigo, mas, quando consideramos as ambigüidades introduzidas pelos acidentes dos homônimos linguísticos, podemos notar que todas as aves comestíveis são *fowl* (isto é, *foul* = *filthy*; imundo, obsceno); que *pigeon* substitui *dove* (pombo, pomba), talvez por causa da associação desta última palavra com o Espírito Santo; e que a palavra *squabble* (uma briga barulhenta, sobretudo entre casais) é derivada de *squab*, um(a) pombo(a) novo(a).

atualmente muito reduzida na Inglaterra. Ela agora compreende certas aves (por exemplo, galinhas, faisão, perdiz), lebres e, em alguns locais, veados. Como já ficou dito, coelhos e pombos são ambos marginais a esta categoria. Já que todas essas criaturas são protegidas durante uma parte do ano, de modo que podem ser caçadas na outra, o nome coletivo *game* (jogo) é mais que apropriado.

Os antropólogos sociais cunharam a expressão *relações lúdicas* para uma situação mais ou menos análoga, a qual é frequentemente institucionalizada entre grupos relacionados por afinidade entre seres humanos.

Tal como o coelho obscuro, que é ambigüamente *game* (caça, animal selvagem) e *vermin* (animal daninho), simultaneamente ocupa uma posição intermediária entre as categorias animal da fazenda e do campo (veja o quadro 1), a raposa ocupa a fronteira entre os animais comestíveis do campo e os animais selvagens não comestíveis. Na Inglaterra, a caçada e a matança de raposas é um ritual bárbaro, cercado de tabus extraordinários e fantásticos. A intensidade de emoções que tais desempenhos despertam quase que atordoa a imaginação. Todas as tentativas de interferir com tais costumes na base de que eram "cruéis" falharam miseravelmente. Alguns aspectos da caça à raposa são linguísticos e assim diretamente relevantes para meu tema. Descobrimos, por exemplo, como comumente ocorre em outras sociedades em contextos análogos que a sacralidade da situação é marcada por inversões da linguagem, o uso de termos especiais para objetos familiares e assim por diante.

Deste modo, as raposas são caçadas por matilhas de cães e, na matança ritual final, a raposa tem sua cabeça e cauda cortadas, as quais são preservadas como troféus, mas nada disso pode ser falado em linguagem comum. A própria raposa é chamada de *dog*, os cães são descritos como *hounds* (mastins), a cabeça da raposa é uma *máscara*, sua cauda uma *escova* (ou *moita*, *brush*) e assim por diante. É considerado como altamente impróprio usar quaisquer outras palavras para estas coisas.

Lontras, veados e lebre são também, algumas vezes, caçados de maneira ritualmente semelhante e aqui, novamente, os cães de caça mudam suas identidades, transformando-se seja em *hounds*, seja em *beagles* (cão lebreiro, com conotações de agente de polícia). Tudo isso reforça minha hipótese original segundo a qual a categoria *cão* é, em inglês, verdadeiramente muito especial.

A implicação de tudo isso é que, se ordenamos os animais familiares numa série, de acordo com sua distância social de um dado "eu" humano (veja o quadro 1), então podemos ver a ocorrência de tabus (valor ritual) como indicação de diferentes tipos de matança e restrições alimentares, insulto verbal, associações metafísicas, desempenho ritual, intrusão de eufemismos, etc.; e que tudo isso não é distribuído ao azar. As variedades de tabu são localizadas nos intervalos de tal

modo que se pode romper o contínuo em secções. O tabu serve para separar o "eu" do mundo e, depois, para dividir o próprio mundo em zonas de distância social que correspondem aqui às palavras fazenda, campo e remoto.

Acredito que tal tipo de análise é mais do que um jogo intelectual. Ela pode nos ajudar a compreender uma ampla variedade de comportamento não racional. Por exemplo: quem tem familiaridade com a literatura irá logo perceber que as crenças inglesas em bruxaria dependiam da confusão precisamente destas categorias para as quais estou chamando a atenção. Bruxos são investidos com o poder de assumir formas animais e possuir espíritos familiares. O familiar pode tomar a forma de qualquer animal, mas era mais fácil surgir como um cão, gato ou um sapo. Alguns destes animais familiares não têm contraparte na história natural e um deles foi descrito como tendo "patas de urso, mas seu tamanho não era maior do que o de um coelho". A ambiguidade de tais criaturas era tomada como prova de suas qualidades sobrenaturais. Como Hopkins, o famoso descobridor de bruxos do século XVII, observou: "Nenhum mortal sozinho poderia tê-las inventado".

Mas meu propósito tem sido o de colocar questões e não de oferecer explanações. Os diagramas que apresentei podem não ser os mais úteis, mas pelo menos estabeleci que a classificação de animais familiares da língua inglesa não é, de modo algum, uma coisa simples. Não é uma lista de nomes, mas um padrão complexo de identificações sutilmente discriminadas não só em espécie, mas também em nuances psicológicas. Nosso tratamento linguístico de tais categorias expressa tabu ou valor ritual, mas isso é um simples termo de cobertura que recobre um complexo de sentimentos e atitudes, uma percepção talvez de que a agressão tal como ela se manifesta na sexualidade ou na matança é algo que perturba a ordem natural das coisas, uma espécie de impiedade necessária.

Um exemplo não europeu

Se tal tipo de análise fosse apenas aplicado às categorias da língua inglesa, ele seria pouco mais que um jogo de salão. Cientificamente falando, a análise é interessante somente na medida em que abre a possibilidade de que, estudando outras línguas, seguindo procedimentos similares, poderemos alcançar padrões comparáveis. A demonstração ao longo destas diretrizes não é fácil, pois se precisa conhecer a língua muito bem mesmo, antes que se possa jogar este tipo de jogo. Contudo vale a pena tentar.

O Kachin é uma língua tibetana-birmanesa falada por membros de tribos no nordeste da Birmânia. Como ela é sintática e gramaticalmente

totalmente diferente de qualquer língua indo-européia, poderá servir como um bom teste. Num certo momento, cheguei a falar esta língua fluentemente, embora não possa mais fazê-lo. Tenho, também, uma experiência direta e entendimento antropológico dos costumes dos Kachin.

O Kachin é essencialmente uma língua monossilábica, na qual as discriminações são obtidas pela variação dos "prefixos" de palavras e não por variação tonal, como ocorre com outras línguas tibeto-birmanesas, onde os tons desempenham sua parte. Segue disto que os homônimos são muito comuns nesta língua e que a arte do trocadilho e da *double entente* é uma faceta cultural altamente desenvolvida. Uma forma especial de poesia amorosa (*nichun ga*) depende disto. Um único e breve exemplo servirá como ilustração:

<i>Jan du</i>	<i>gawng lawng</i>	<i>sharat a lo</i>
No crepúsculo	o badalo do sino do gado	balança para lá e para cá
<i>Mai bawt</i>	<i>gawng nu</i>	<i>sharat a lo</i> ¹⁰
A curta cauda do búfalo	e a base do sino	estão abandonando

Nada poderia ser mais superficialmente "inocente" do que esta imagem romântica do crepúsculo e dos sinos do gado, mas o poema assume aparências muito diferentes, uma vez que se tenha em mente que *jan du* (o pôr-do-sol) também significa "a moça tem um orgasmo", enquanto que *mai bawt* (a cauda curta) é um eufemismo comum para o pênis humano. O restante das imagens freudianas pode ser facilmente trabalhado pelo leitor!

Por outro lado, não pode ser dito que o Kachin é um "desbocado". É precisamente porque cultiva tal habilidade do duplo sentido que ele pode quase sempre aparecer como sendo escrupulosamente bem-educado. Mas obscenidades verbais existem, inclusive o que chamei de insulto animal que está concentrado principalmente em torno do cachorro (*gwi*).

Os Kachin são um povo primitivo que vive nas florestas das escarpas montanhosas. Sua dieta consiste principalmente de arroz e vegetais, mas eles criam gado, porcos e aves. Existem poucas criaturas comestíveis que eles não comeriam, ainda que separem nitidamente os cães e ratos dos seres humanos. Os animais domesticados são mortos somente no contexto de rituais de sacrifício. A carne de tais sacrifícios é comida pelos membros da congregação presente e os sacrifícios são freqüentes. Apesar desta freqüência, porém, a ocasião de um sacrifício é uma ocasião sagrada (*na*) e, num certo sentido, todos os animais domésticos são sagrados.

¹⁰ Todos os usos linguísticos Kachin aqui citados, com exceção das conotações obscenas do *jan du*, podem ser verificados em O. HANSON (1906).

Até bem recentemente os Kachin tinham a instituição da escravidão. É uma indicação de sua atitude para com os animais e não de sua atitude para com os escravos que todo escravo fosse classificado como *yam*, uma categoria que inclui todos os animais domesticados. É também relevante que a palavra *ni*, que significa próximo, também signifique manso, domesticado.

Os correlatos lingüísticos de tudo isso não são simples. Em geral, tudo aquilo que tem um lugar na ocasião ritual, entra na categoria geral *Wu* (*U*), que significa poluição. Esta categoria tem várias subcategorias:

- a) aves;
- b) várias espécies de bambu;
- c) criaturas classificadas como *nga* — principalmente peixe e gato;
- d) criaturas classificadas como *wa* — principalmente seres humanos e porcos.

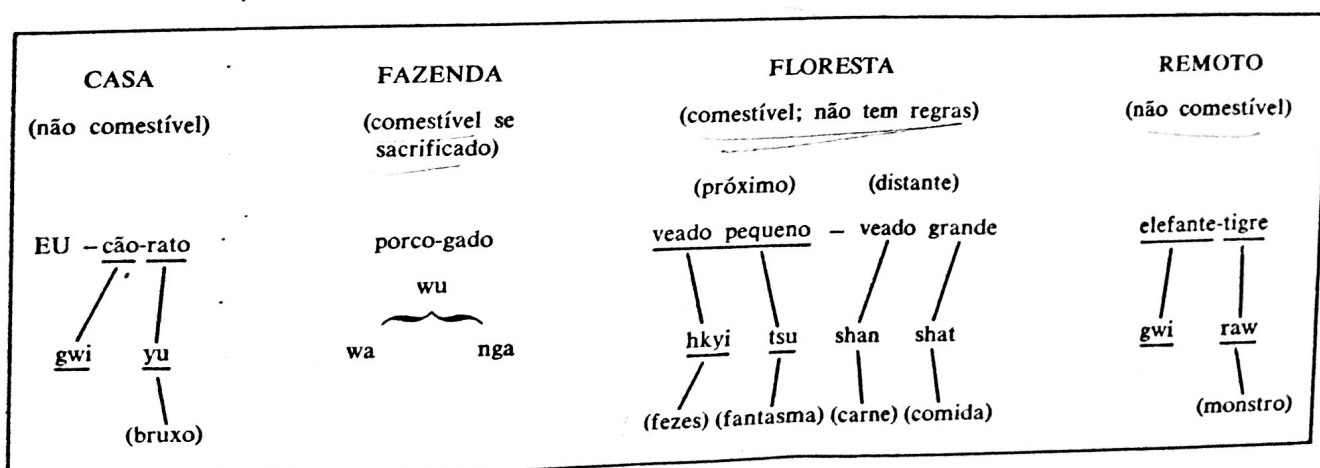
Tirante os seres humanos e o bambu, esta é uma categoria de alimentos poluídos, isto é, alimentos que só podem ser apropriadamente a carne e o alimento puros (*shat*, *shan*). Outras criaturas como o cão (*gwi*) e o rato (*yu*) podem algumas vezes ser oferecidas em sacrifício, mas não seriam comidas senão como parte de algum desempenho mágico especial. Ordenei estes e outros termos (quadro 3) numa escala de distância social comparável àquela que mostra as categorias da língua inglesa no quadro 1. Os paralelos são muito marcantes. Consideremos os itens neste quadro lendo-o da esquerda para a direita, isto é, do muito próximo ao muito distante.

As criaturas mais próximas são o cão e o rato. Ambos são não comestíveis e fortemente carregados de tabu. Chamar um homem de cachorro é uma obscenidade. O *yu* (rato) também significa bruxaria. Em alguns contextos, pode também significar um parente afim do lado da mãe da esposa. Por uma variedade de razões estruturais que já descrevi em outras publicações, os sentimentos Kachin para com estes *mayu ni* são de comum altamente ambivalentes. A mãe de minha mulher é uma categoria fortemente incestuosa, é *ni*, que já vimos que significa muito próximo e domesticado.

As criaturas domesticadas que são comestíveis, se sacrificadas, já foram consideradas. Essas criaturas de "fazenda" são identificadas muito mais de perto com o "eu" do que as categorias inglesas correspondentes. Elas são como os escravos humanos: todos vivem na mesma casa, com seus proprietários. O termo *wa* (porco) também significa homem, pai, dente. É uma parte real de "min" mesmo!

Quadro 3 — Categorias de animais familiares Kachin

(para ser comparado com as três linhas inferiores do quadro 1)



No esquema inglês, sugeri que os animais do campo (de caça) têm a mesma posição estrutural, em termos de distância social, com a categoria de esposas potenciais. No caso Kachin, as categorias de animais comparáveis aos animais de caça ingleses são os animais da floresta, caçados para fornecer carne. Eles vivem na floresta (*nan*). Agora, os Kachin têm uma regra de casamento prescritivo que requer que um homem se case com uma moça de uma dada categoria. Esta categoria é também *nan*. Mas, em outras dimensões, o caso Kachin é o inverso da situação inglesa. Um inglês está livre para escolher uma esposa, mas ele deve ir além das primas em primeiro grau. Por outro lado, ele caça sua caça de acordo com regras precisas. Em contraste com isso, o Kachin tem sua categoria de esposas possíveis definidas de antemão e, como primeira preferência, ele deve escolher uma prima em primeiro grau especial (a filha do irmão da mãe). Mas ele não está sujeito a regras quando caça na floresta.

As criaturas da floresta assim obtidas pela caça, para fornecer carne, são principalmente o veado de vários tamanhos. Os menores são encontrados próximos da aldeia. Como o coelho inglês, estes veados são considerados como pestes (*vermin*), tal como a caça, já que atacam os campos de arroz. O veado grande é encontrado no coração da floresta. Existem ao todo quatro categorias de veados: *hkyi* e *tsu* são espécies pequenas, vivendo próximas; *shan* e *shat* são criaturas maiores, vivendo muito longe. Todas essas palavras têm homônimos: *hkyi* = fezes, sujeira; *tsu* = um espírito humano desencarnado, um fantasma; *shan* = carne comum, limpa; *shat* = carne comum, pura, de qualquer tipo.

O padrão, assim, é bastante consistente. Os animais mais remotos são mais comestíveis e os significados homônimos das palavras associadas tornam-se menos carregados de tabu na medida em que a distância social aumenta.

Contudo, a situação global não é tão simples. Macacos de muitos tipos abundam. Eles são muitas vezes comidos e ocasionalmente domesticados como animais de estimação, e seu sangue é creditado com qualidades afrodisíacas mágicas. Parecem que são tidos como animais selvagens e não como animais anormalmente próximos do homem, como ocorre com o pequeno veado *tsu*. Um macaco é *woi*, um termo que também significa avô. O *status* dos esquilos é muito parecido. O esquilo aparece com proeminência na mitologia Kachin, já que foi a morte de um esquilo que trouxe a mortalidade para os homens. Esquilos são caçados e comidos, mas novamente a atitude é ambígua. Esquilos são *mai* (caudas), mas *mai* — como já vimos — significa o pênis humano.

Além disso, na medida em que a distância aumenta, finalmente alcançamos, como ocorre em inglês, uma categoria de criaturas desconhecidas e, conseqüentemente, não comestíveis, e o padrão é então invertido. Existem duas grandes feras da floresta que o Kachin comum sabe

que existe, mas raramente vê. A primeira é o elefante, chamado *magwi*, mas também *gwi*. Já que *gwi* é o cão, isto pode parecer estranho, mas o uso é muito parecido com aquele que faz o inglês chamar a raposa macho de cachorro. A outra é o tigre (*sharaw*, *rw*), que é tomado como o protótipo de todos os monstros fabulosos. *Nunraw*, que é literalmente uma mulher-tigre, é uma criatura que aparece proeminentemente na mitologia Kachin. Ela (?) tem muitos atributos da Estíge na história de Édipo com aquele horror devorador, de sexualidade incerta: metade homem, metade animal¹¹.

Este padrão generalizado, como foi exposto no quadro 3, não é certamente idêntico ao que encontramos em inglês, mas é claramente o mesmo tipo de padrão e as semelhanças parecem muito próximas para serem o produto de um mero acidente, como esta expressão é normalmente colocada, ou dos meus próprios preconceitos obsessivos como investigador. Sugiro que as correspondências são suficientes para justificar mais estudos comparativos. Por outro lado, concordo prontamente que é fácil ser mais do que persuadido por tal prova, especialmente quando se está lidando com uma língua como a Kachin, onde a incidência de homônimos é muito alta.

Quando escrevia do inglês, sugeri que havia uma correspondência entre a sequência das relações sexuais: irmã (incesto); prima (relações pré-maritais possíveis, mas não o casamento); vizinha (casamento possível); estrangeira (casamento impossível); e a sequência de "relações de comestibilidade" expostas no quadro 1. Até onde isto se aplica para os Kachin? Como é que se faz a comparação? A dificuldade é que os Kachin têm um sistema de parentesco bastante diferente do inglês. Irmãs verdadeiras são uma categoria fortemente incestuosa, mas irmãs clânicas, classificatorias e distantes, são pessoas com as quais são possíveis ligações, mas não o casamento. Uma irmã mais velha é *na* e a irmã mais nova é *nau*. Os homônimos são: *na*, um dia de feriado sagrado, uma ocasião em que um sacrifício ritual é feito; e *nau*, uma dança sagrada que ocorre na ocasião *na* para acompanhamento do sacrifício. Isto naturalmente se encaixa muito bem com minha tese, já que o quadro 3 pode ser traduzido para os humanos, em oposição às relações animais (no quadro 4), assim:

Talvez tudo isso seja muito bom para ser verdadeiro, mas penso que o assunto merece mais investigação. Aqueles que desejam levar meu argumento seriamente, podem muito bem considerar sua relevância

¹¹ Isto simplifica amplamente uma categoria mitológica muito complexa. O *nunraw* (também *maraw*) são deidades da "sorte", vagamente comparáveis às fúrias (*erinyes*) da mitologia grega. Os *nunraw* nem sempre são fêmeas nem de uma só espécie. *Baren nunraw* vive na água e parece que é concebido como algum tipo de jacaré, *wa nunraw* é presumivelmente um javali selvagem, e assim por diante.

Quadro 4 — Categorias Kachin de relacionamentos humanos

	incesto	não casamento, relações ilícitas	casamento	não parentes distantes
EGO (EU)	NI	NA/NAU "irmã"	NAM	RAW ¹²
	sogra		prima cruzada casável	
	perito	ocasião sagrada (comestível se sacrificada)	floresta	fogo da floresta
	(não comestível)		(comestível)	(não comestível)

Para o notável livro de Claude Lévi-Strauss, *La pensée sauvage* (1962). Ainda que esteja fascinado por esta obra, também tenho a impressão de que alguma dimensão do argumento estava faltando. Precisamos considerar não só que as coisas do mundo podem ser classificadas como sagradas e não sagradas, mas também como mais sagradas e menos sagradas. Assim também no caso das classificações sociais, em que não é suficiente ter a discriminação eu/isto, nós/eles. Também precisamos uma escala graduada de perto/longe, mais como eu/menos como eu. Se este ensaio for tomado como tendo algum valor permanente, assim será porque representa uma expansão da tese de Lévi-Strauss na direção que acabei de indicar.

Referências

- HANSON, O.
1906 — *A dictionary of the Kachin language*. Rangoon.
Lévi-Strauss, Claude.
1962 — *La pensée sauvage*. Paris, Plon.
PARTIDGE, E.
1949 — *A dictionary of slang and unconventional English*. 3. ed. Londres, Routledge.
POSTMAN, L.
1961 — The present status of interference theory. In: COFER, Charles N., org. *Verbal learning and verbal behavior*. Nova York, McGraw-Hill.
WENTWORTH, H. e FLEXNER, S. B.
1961 — *Dictionary of American slang*. Nova York, Crowell.

¹² Existem dois homônimos relevantes para *raw* = tigre. *Raw*, como verbo, significa deixar de estar relacionado; aplica-se particularmente quando dois grupos relacionados por afinidade cessam de reconhecer suas relações. *Raw* também significa o fogo da floresta. E, assim, um aspecto perigoso da floresta, quando *nam* é amistoso.

ÍNDICE ANALÍTICO E ONOMÁSTICO

A

- Abigail, 99, 100
Abimelec, 68, 81, 82
Abraão, 68, 69, 80
Adão e Eva, 28, 67-9
aliança matrimonial, 26, 28, 30, 31, 33-7
ver *tb.*, parentesco; troca matrimonial
alimento, 175-98
categorias alimentares, 175
hábitos alimentares, 174-82, 185, 193-8
linguagem, 175-98
parentesco (terminologia de), 184-7
tabu alimentar, 174-82, 185, 193-8
ver *tb.*, animal
ambigüidade, 14, 15, 47
animal, 47-50, 60-6, 173-98
alimento, 49, 62, 64, 175-98
hábitos alimentares, 174-82, 185-98
insulto, 47-9, 173, 174, 177, 184, 187-98
Leach e os animais, 47-50
tabelas, 183, 188, 189, 195
animais familiares Kachin, 195
animais familiares na língua inglesa, 188, 189
criaturas viventes em língua inglesa, 183
anisogamia, 31
Antropologia Social, 7-23, 38-44, 129, 130
evolucionista, 8-13
inglesa, 7-23, 38-44, 129, 130
Araújo, Ricardo Benzaquen de, 23, 26, 54
Arendt, Hannah, 8, 9, 50
Ashley-Montagu, M. F., 118-9, 121, 136
Austin, L., 136
Barth, Frederik, 44, 50
Benzten, Aage, 77
Berg, Charles, 44, 143-58, 162, 163
Betsabé, 98-100
Bíblia, ver estruturalismo e Velho Testamento; Gênesis; Leach e estudos bíblicos; mito e Bíblia; mito e Novo Testamento; mito e Velho Testamento
ver *tb.*, nomes dos personagens bíblicos (direto)
Black, J. S., 76
Bott, Elizabeth, 44
Buchanan, Francis, 133